

Dario Pignatelli/Bloomberg



## Ações emergentes estão em ponto atraente

O investidor **Mark Mobius** está comprando mais ações de mercados emergentes, com o crescimento econômico seguindo firme na China e os múltiplos caindo em relação às médias históricas. As ações estão em um ponto atraente, diz Mobius, que administra US\$ 50 bilhões como presidente executivo da Templeton Emerging Markets Group. Ele está comprando ações da China, Rússia, Turquia, Tailândia e África. "Continuamos a investir. Os preços estão bem razoáveis." **Bloomberg**

## AGENDA

- Índice da atividade industrial no Japão, sai a 1h30.
- Na Alemanha tem preços ao produtor, às 3 horas.
- No Reino Unido, desemprego e ata do BoE, a partir das 5h30.
- Nos EUA tem anúncio da nova taxa de juros, às 13h30.

# Governança baixa limita investimentos no Brasil

Diretora da F&C, maior gestora mundial de fundos sustentáveis, defende a adoção de regras mais rígidas por parte da CVM

**Flávia Furlan**

ffurlan@brasileconomico.com.br

A gestora inglesa F&C, líder mundial em investimentos sustentáveis com US\$ 4,9 bilhões alocados nessa estratégia, está de olho no Brasil, onde tem aplicados US\$ 844,3 milhões de uma carteira total de US\$ 162,7 bilhões (dos quais 25% está em ações). No entanto, a quantia poderia ser ainda maior. Para ampliar suas apostas, a gestora monitora de perto o nível de adesão às melhores práticas de governança corporativa por parte das empresas listadas na BM&FBovespa.

Em entrevista ao **BRASIL ECONÔMICO**, a diretora de governança corporativa e investimentos sustentáveis da F&C, Karina Litvackj, que está no grupo desde 1998 — o que significa que já passou por diversas crises mundiais e acompanha de perto o avanço do tema sustentabilidade nos investimentos — diz que a gestora quer influenciar a adoção de padrões mundiais de governança corporativa de forma mais ampla no Brasil.

Para ela, o país já tem um alto padrão de governança corporativa, se comparado com outros emergentes — em parte, devido aos três níveis de listagem

## QUEM É A F&C

Dados da gestora inglesa de investimentos

**1868**

Ano de criação na Inglaterra

ATIVOS INVESTIDOS

**US\$ 162,7 bilhões**

NO BRASIL

**US\$ 844,3 milhões**

**1984**

Ano de lançamento do primeiro fundo com conceito de sustentabilidade

**US\$ 4,9 bilhões**

alocados na estratégia de sustentabilidade e governança corporativa

**3 milhões**

de clientes em todo o mundo

Fonte: F&C



Karina, da F&C, diz que Brasil precisa encorajar empresas a adotarem práticas de governança mais rígidas

da BM&FBovespa, que geram credibilidade uma vez que aderir é um compromisso voluntário assumido pelas companhias participantes. No entanto, diz, ainda há o que fazer para encorajar as outras a implantar esses padrões, já que das 530 listadas, somente 181 estão nos níveis mais elevados de governança da bolsa: 33 no Nível 1 e 20 no Nível 2 — ambos, ambientes de negociação precursores do acesso ao Novo Mercado, que por sua vez é o padrão mais elevado de governança, com 128 listadas. As 181 empresas representam 65,81% do valor de mercado, 82,12% do volume financeiro e 85,68% dos negócios realizados no mercado à vista da bolsa.

"Temos pressionado a Comissão de Valores Mobiliários e a BM&FBovespa a adotar um posicionamento mais claro, rigoroso e consistente", afirma Karina,

que participará da 18ª Conferência Anual da Rede Internacional de Governança Corporativa (ICGN, na sigla em inglês), que será realizada entre 25 e 27 de junho no Rio de Janeiro.

Para Karina, o órgão regulador e a BM&FBovespa têm uma postura muito complacente com empresas que escolhem não se listar nos níveis de governança corporativa e/ou se envolvem em práticas que vão contra este princípio. "Isso não apenas tira a confiança do investidor como interfere negativamente na credibilidade no mercado brasileiro como um todo. Há muito mais a perder do que a ganhar com essa abordagem excessivamente elástica em relação a adoção das melhores práticas de governança."

Karina explica que a governança corporativa dita como as companhias são dirigidas, controladas e geridas e que a visão

da gestora é que a boa governança age como uma proteção fundamental para acionistas com interesse de longo prazo. O F&C lançou seu primeiro fundo com este conceito em 1984; em 2011, aplicava em 1,2 mil empresas, de 54 países, com o serviço que ajuda a melhorar a governança e também a performance de fundos de investimento.

"Os principais riscos para investir em empresas na América Latina estão relacionados à instabilidade política, com crescente interferência dos governos na operação e administração de companhias onde têm participação acionária elevada, como ocorre, por exemplo, em Petrobras e Vale", afirma Karina. A especialista também cita o nacionalismo e a baixa proteção dos direitos dos acionistas minoritários como questões problemáticas nas empresas da região. ■

## ANÁLISE

# Práticas adotadas no país superam as dos Brics

Obrigatoriedade de conselheiros independentes e balanço auditado por boas firmas são diferenciais

A governança corporativa é, de fato, um fator limitador para investidores estrangeiros aplicarem no Brasil. É o que acredita Luiz Marcatti, sócio da consultoria Mesa Corporate Governance.

"As companhias brasileiras ainda engatinham nos processos de governança corporativa. Mas já é possível observar grande avanço em relação às práticas passadas", acredita.

Segundo o especialista, se o mercado brasileiro for comparado aos Estados Unidos e Europa, de fato, há muito o que avan-

**Quando comparado aos Estados Unidos e à Europa, mercado brasileiro ainda tem muito a avançar em governança**

çar. "Contudo, se um fundo de investimento estrangeiro comparar o mercado local às práticas adotadas pelos demais países que compõem os Brics (Rússia, Índia e China), veremos que estamos anos-luz à frente. Não pelos custos e sim por alguns diferenciais do Brasil", completa.

Marcatti cita como exemplo o

acordo entre acionistas, assinado pela maioria e não pequenos grupos ou blocos; a efetividade dos conselhos de administração; a obrigatoriedade de conselheiros independentes; a profissionalização da gestão; e o fato dos resultados trimestrais serem acompanhados por boas firmas de auditorias. ■ **Vanessa Correia**